OS TYMBIRAS.

OS TYMBIRAS.

POEMA AMERICANO

POR

A. GONÇALVES DIAS.

LEIPZIG:
F. A. BROCKHAUS.

1857.

Á MAGESTADE

DO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO
PRINCIPE O SENHOR

D. PEDRO II

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO
DO BRAZIL.

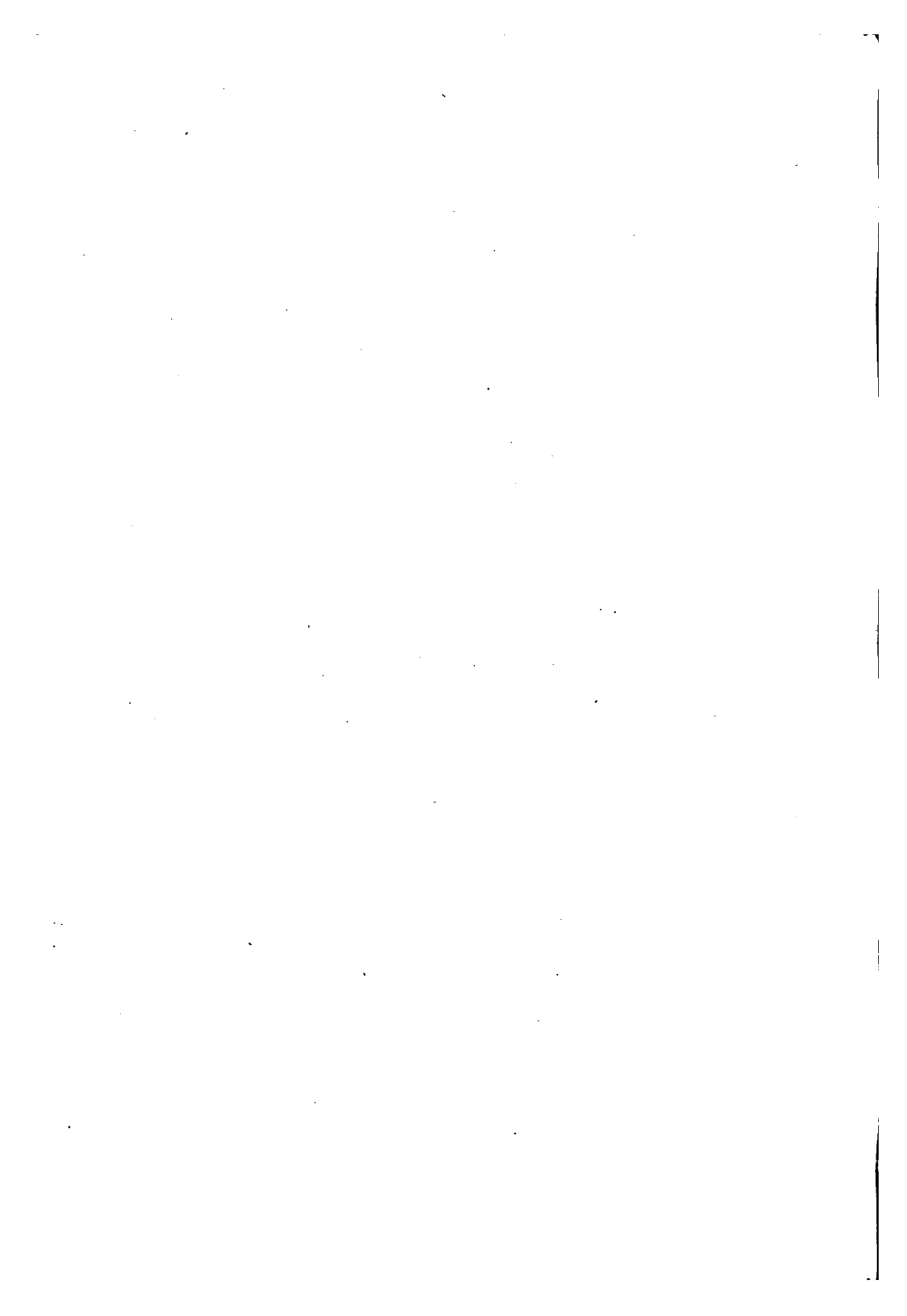
INTRODUCÇÃO.

Os ritos semibarbaros dos Piagas,
Cultores de Tupan, e a terra virgem
Donde como d'um throno, emfim se abrirão
Da cruz de Christo os piedosos braços;
As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo Americano, agora extincto,
Hei de cantar na lyra. — Evóco a sombra
Do selvagem guerreiro! . . . Torvo o aspecto,
Severo e quasi mudo, a lentos passos,
Caminha incerto, — o bipartido arco
Nas mãos sustenta, e dos despidos hombros
Pende-lhe a rota aljava . . . . as entornadas,
Agora inuteis setas, vão mostrando
A marcha triste e os passos mal seguros
De quem, na terra de seos paes, embalde
Procura asylo, e foge o humano trato.

Quem podera, guerreiro, nos seos cantos
A voz dos piagas teos um só momento
Repetir; essa voz que nas montanhas
Valente retumbava, e dentro d'alma
Vos ia derramando arrojo e brios,
Melhor que taças de cauim fortissimo?!
Outra vez a chapada e o bosque ouvirão
Dos filhos de Tupan a voz e os feitos
E as pocemas de morte, levantadas
Dentro do circo, onde o fatal delicto
Expia o malfadado prisioneiro,
Q'enxerga a maça e sente a mussurana
Cingir-lhe os rins a ennodoar-lhe o corpo:
E só de os escutar mais forte accento
Haverião de achar nos seos refolhos
O monte e a selva e novamente os échos.

Como os sons do boré, sôa o meo canto
Sagrado ao rudo povo americano:
Quem quer que a naturesa estima e présa
E gósta ouvir as empoladas vagas
Bater gemendo as cavas penedias,
E o negro bosque susurrando ao longe —
Escute-me. — Cantor modesto e humilde,
A fronte não cingi de mirto e louro,
Antes de verde rama engrinaldei-a,
D'agrestes flores enfeitando a lyra;
Não me assentei nos cimos do Parnaso,

Nem vi correr a lympha da Castalia.
Cantor das selvas, entre bravas mattas
Aspero tronco da palmeira escolho.
Unido a elle soltarei meo canto,
Em quanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos encontrados leques.

Nem só me escutareis fereza e mortes:
As lagrimas do orvalho por ventura
Da minha lyra distendendo as cordas,
Hão-de em parte ameigar e embrandecel-as.
Talvez o lenhador quando acommette
O tronco d'alto cedro corpulento,
Vem-lhe tingido o fio da segure
De puro mel, que abelhas fabricarão;
Talvez tãobem nas folhas q'engrinaldo
A acacia branca o seo candor derrame
E a flôr do sassafraz se estrelle amiga.

CANTO PRIMEIRO.

Sentado em sitio escuso descançava
Dos Tymbiras o chefe em tronco annoso,
Itajuba, o valente, o destemido
Acoçador das feras, o guerreiro
Fabricador das incansaveis lutas.
Seo pae, chefe tambem, tambem Tymbira,
Chamava-se o Jaguar: delle era fama
Que os musculosos membros repellião
A frecha sibilante, e que o seo craneo
Da maça aos tesos golpes não cedia.
Cria-se . . . e em que naõ crê o povo stulto?
Que um velho piaga na espelunca horrenda
Aquello encanto, inutil n'um cadaver,
Tirara ao pae defuncto, e ao filho vivo
Inteiro o transmittira: é certo ao menos
Que durante uma noite juntos forão
O moço e o velho e o pallido cadaver.

Mas acertando um dia estar occulto
N'um denso tabocal, onde perdera
Traços de fera, que rever cuidava,
Seta ligeira atravessou-lhe um braço.
Mão d'imigo traidor a disparára,
Ou fôra algum dos seos, que receioso
Do mal cauzado, emmudeceo prudente.

Relata o caso, irreflectido, o chefe.
Mal crido foi! — por abonar seo dito,
Redobra d'imprudencia, — mostra aos olhos
A traiçoeira frecha, o braço e o sangue.
A fama vôa, as tribus inimigas
Adunão-se, annotinão-se os guerreiros
E as boccas disem: o Tymbira é morto!
Outras emendão: Mal ferido sangra!
Do nome do Itajuba se despega
O medo, — um só desastre venha, e logo
Esse encanto vae prestes converter-se
Em riso e farça das nações vizinhas!
Os manitós, que morão pendurados
Nas tabas d'Itajuba, que as protejão:
O terror do seo nome ja naõ vale,
Ja defensão não é dos seos guerreiros!

Dos Gamellas um chefe destemido,
Cioso d'alcançar renome e gloria,
Vencendo a fama, que os sertões enchia,

Sahio primeiro a campo, armado e forte,
Guedelha e ronco dos sertões immensos,
Guerreiros mil e mil vinhão traz elle,
Cobrindo os montes e juncando as mattas.
Com pejado carcaz de ervadas setas
Tingidos d'urucú, segundo a usança
Barbara e fera, desgarrados gritos
Davão no meio das canções de guerra.

Chegou, e fez saber que era chegado
O rei das selvas a propor combate
Dos Tymbiras ao chefe. — „A nós só caiba
(Disse elle) a honra e a gloria; entre nós ambos
Decida-se a questão do esforço e brios.
Estes, que vês, impavidos guerreiros,
São meos, que me obedecem; se me vences,
São teos; se és o vencido, os teos me sigão:
Aceita ou foge, que a victoria é minha."

Não fugirei, responde-lhe Itajuba,
Que os homens, meos iguaes, encarão fito
O sol brilhante, e os naõ deslumbra o raio.

„Serás, pois que me affrontas, torna o barbaro,
Do meo valor tropheo, — e da victoria,
Q'hei-de certo alcançar, despojo opimo.
Nas tabas em que habito ora as mulheres
Tecem da sapucaya as longas cordas,

Quo os pulsos teos hão-de arrochar-te em breve;
E tu vil, e tu preso, e tu coberto
D'escarneo e d'irrisão! — Cheio de gloria,
Alem dos Andes voará meo nome!"

O filho de Jaguar surrio-se a furto:
Assim o pae sorri ao filho imberbe,
Que, despresado o arco seo pequeno,
Talhado para aquellas mãos sem forças,
Tenta d'outro maior curvar as pontas,
Que vezes tres o mede em toda a altura!

Travarão luta fera os dois guerreiros.
Primeiro ambos de longe as setas vibrão;
Amigos manitôs, que ambos protegem,
Nos ares as desgarrão. Do Gamella
Entrou a frecha tremula n'um tronco
E só parou no cerne; a do Tymbira,
Ciciando veloz, fugio mais longe,
Roçando apenas os frondosos cimos.
Encontraõ-se os Tacápes, la se partem;
Ambos o punho inutil regeitando,
Estreitão-se valentes: braço a braço,
Alentando açodados, peito a peito,
Revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe
Rouqueja o peito arfado um som confuso.

Scena vistosa! quadro apparatoso!
Guerreiros velhos, á victoria affeitos,

Tamanhos campeões vendo n'arena,
E a luta horrivel e o combate acceso,
Mudos quedárão de terror transidos.
Qual d'aquelles heróes ha-de primeiro
Sentir o egregio esforço abandonal-o?
Perguntão; mas não ha quem lhes responda.

São ambos fortes: o Tymbira hardido,
Esbelto como o tronco da palmeira,
Flexivel como a frecha bem talhada.
Ostenta-se robusto o rei das selvas;
Seo corpo musculoso, immenso e forte
É como rocha enorme, que desaba
De serra altiva, e cáe no valle inteira.
Não vale humana força desprendel-a
D'alli, onde ella está: fugaz corisco
Bate-lhe a calva fronte sem partil-a.

Separão-se os guerreiros um do outro,
Foi d'um o pensamento, — a acção foi d'ambos.
Ambos arquejão; descoberto o peito
Arfa, estúa, eleva-se, comprime-se,
E o ar em ondas sofregos respirão.
Cada qual, mais pasmado que medroso,
Se estranha a força que no outro encontra,
A mal cuidada resistencia o irrita.
Itajuba! Itajuba! — os seos exclamão.
Guerreiro, tal como elle, se descora

Um só momento, é dar-se por vencido.
O filho de Jaguar voltou-se rapido.
Donde essa voz partio? quem n'o aguilhôa?
Raiva de tigre anuviou-lhe o rosto
E os olhos côr de sangue irados pulão.

„A tua vida a minha gloria insulta!
Grita ao rival, e já de mais viveste."
Disse, e como o condor, descendo a prumo
Dos astros, sobre o lhama descuidoso,
Pavido o prende nas torcidas garras,
E sóbe audaz onde naõ chega o raio . . .
Vôa Itajuba sobre o rei das selvas,
Cinge-o nos braços, contra si o aperta
Com força incrivel: o colosso vérga,
Inclina-se, desaba, cáe de chofre,
E o pó levanta e atrôa forte os echos.
Assim cáe na floresta um tronco annoso,
E o som da queda se propaga ao longe!

O fero vencedor um pé alçando,
Morre! — lhe brada — e o nome teo comtigo!
O pé desceo, batendo a arca do peito
Do exanime vencido: os olhos turvos,
Levou, a extrema vez, o desditoso
Áquelles ceos d'azul, áquellas mattas,
Doce cobertas de verdura e flores!

Depois, erguendo o esqualido cadaver
Sobre a cabeça, horrivelmente bello,
Aos seos o mostra ensanguentado e torpe;
Então por vezes tres o horrendo grito
Do triumfo soltou; e os seos tres vezes
O mesmo grito em côro repetirão.
Aquella massa emfim vôa nos ares;
Porém na dextra do feliz guerreiro
Dividem-se entre os dedos as melenas,
De cujo craneo marejava o sangue!

Transbordando ufania do successo
Inda recente, recordava as phases
Orgulhoso o guerreiro! Ainda escuta
A dura voz, inda a figura avista
Desse, que ousou atravessar-lhe as sanhas:
Lembra-se! e da lembrança grato enlevo
Lhe côa n'alma em fogo: longos olhos,
Em quanto assim medita, vae levando
Por onde o ceo e as selvas se confundem,
Por onde o rio em tortuosos gyros,
Queixoso lambe as empedradas margens.
Assim o jugo seo não escorjassem
Trédos Gamellas c'o a nocturna fuga!
Perfidos! o heróe jurou vingar-se;
Tremei! qu'ha-de o valente debellar-vos!
E em quanto segue o ceo, e o rio, e as selvas,
Crescem-lhe brios, força, — alteia o collo,

Fita orgulhoso a terra, onde não acha,
Nem crê achar quem lhe resista; eis n'isto
Reconhece um dos seos, que pressuroso
Corre a encontral-o, — rapido caminha;
Porém d'instante a instante, d'enfiado
Vólta o pavido rosto, onde se pinta
O susto vil, que denuncia o fraco.

„Ó filho de Jaguar — de longe brada,
Neste aperto nos vale, — eil-os se avanção
Pujantes contra nós, tão bastos, tantos,
Como enredados troncos na floresta.

Tu sempre tremes, Jurucey, tornou-lhe
Com voz tranquilla e magestosa o chefe.
O mel, que em fallas sem cessar distillas,
Tolhe-te o esforço e te enfraquece a vista:
Amigos são talvez, amigas tribus,
Algum chefe, que tem comnosco as armas,
Em signal d'alliança, espedaçado:
Vem talvez festejar o meo triumpho,
E os seos cantores celebrar meo nome.

„Não! não! ouvi o som triste e sonoro
Das ygaras, rompendo a custo as aguas,
Dos remos manejados a compasso,
E os sons guerreiros do boré, e os cantos
Do combate; parece, d'irritado,

Tão grande pezo agora a flor lhe corta,
Que o rio vae sorver as altas margens."

E são Gamellas? — perguntou lhe o chefe.
„Vi-os, tornou-lhe Jurucey, — são elles!"
O chefe dos Tymbiras dentro d'alma
Sentio odio e vingança remordel-o.
Rugio a tempestade, mas lá dentro;
Cá fóra retumbou, mas quasi extincta.
Começa então com voz cavada e surda.

Irás tu, Jurucey, por mim diser-lhes:
Itajuba, o valente, o rei da guerra,
Fabricador das incansaveis lutas,
Em quanto a maça não sopesa, em quanto
Dormem-lhe as setas no carcaz immoveis,
Off'rece-vos liança e paz; — não ama,
Tigre repleto, espedaçar mais prezas,
Nem quer dos vossos derramar mais sangue.
Tres grandes Tabas, onde heroes pullulão,
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
Cahidas a seos pés, a voz lhe escutão.
Vós outros, attendei, — cortai nas mattas
Troncos robustos e frondosas palmas,
E construí cabanas, — onde o corpo
Cahio do rei das selvas, — onde o sangue
D'aquelle heróe, vossa perfidia attesta.
Aquella briga em fim de dois, tamanhos,

Signalai; por que estranho caminheiro,
Amigas vendo e juntas nossas tabas,
E a fé, que usais guardar, sabendo, exclamem:
Vejo um povo de hêróes e um grande chefe!"

Disse: e vingando o cimo d'alto monte,
Que em roda largo espaço dominava
O atroador memby soprou com força.
O tronco, o arbusto, a moita, a rocha, a pedra,
Convertem se em guerreiros; — mais depressa,
Quando sôa o clarim, nuncio de guerra,
Não sopra, e escava a terra, e o ar divide
Co' as crinas fluctuantes, o ginete,
Impavido, orgulhoso, em campo aberto.

Da montanha Itajuba os vê sorrindo,
Galgando valles, combros, serranias,
Coalhando o ar e o ceo de feios gritos.
E folga, por que os vê correr tão prestes
Aos sons do cavo buzio conhecido,
Já tantas vezes repetidos antes
Por valles e por serras; já não póde
Numeral-os, de tantos que se apinhão;
Mas, vendo-os, reconhece o vulto e as armas
Dos seos: „Tupan sorri-se lá dos astros,
Diz o chefe entre si, — lá, descuidosos
Das folganças de Ibáke, heróes tymbiras
Contemplão-me, das nuvens debruçados:

E por ventura de lhes ser eu filho
Enlevão-se, e repetem, não sem gloria,
Os seos cantores d'Itajuba o nome.

Vem primeiro Jucá de féro aspecto.
D'uma onça bicolor cae-lhe na fronte
A pell' vistosa; sob as hirtas cerdas,
Como sorrindo, alvejão brancos dentes,
E nas vasias orbitas lampejão
Dois olhos, fulvos, máos. — No bosque, um dia,
A traiçoeira fera a cauda enrosca
E mira nelle o pulo: do tacápe
Jucá desprende o golpe, e furta o corpo:
Onde estavão seos pés, as duras garras
Encravão-se enganadas, e onde as garras
Morderão, beija a terra a fera exangue
E, morta, ao vencedor tributa um nome.

Vem depois Jacaré, senhor dos rios,
Ita-roca indomavel, — Catucába,
Primeiro sempre no combate, — o forte
Juçarána, — Poty ligeiro e dextro,
O tardo Japegoá, — o sempre afflicto
Piahiba, que espiritos perseguem:
Mojacá, Moperéba, irmãos nas armas,
Sempre unidos; ninguem não foi como elles!
Lagos de sangue derramarão juntos;
Filhos e paes e mães d'imigas tabas

Odeião-nos chorando, e a gloria d'ambos,
Assim chorada, mais e mais se exalta:
Çamotim, Pirajá, e outros infindos,
Heróes tambem, aos quaes faltou somente
Nação menor, menos guerreira tribu.

Japy, o atirador, quando escutava
Os sons guerreiros do memby troante,
Na tesa corda a frecha embebe inteira,
E mira um javali que os alvos dentes,
Navalhados, remove; pára, escuta . . .
Volvem-lhe os mesmos sons: bate-lhe o peito,
Os olhos pulão, —, sólta horrendo grito,
Arranca e roça a fera! . . . a fera attonita,
Aterrada, tranzida, treme, erriça
As duras cerdas; tiritante, pavida,
Esgazeando os olhos fascinados,
Recúa: um tronco só lhe embarga os passos.
Por longo tracto, de si mesma alheia,
Demora-se, lembrada: acusto o sangue
Volve de novo ao costumado gyro,
Em quanto o vulto horrendo se recorda!

„Mas onde está Jatyr? pergunta o chefe,
Que debalde o procura entre os que o cercão:
Jatyr, dos olhos negros, que me lusem,
Melhor que o sol nascendo, dentro d'alma;
Jatyr, que aos chefes todos anteponho,

Cuja bravura e temerario arrojo
Fólgo em reger e moderar nos prelios;
Esse, porque naõ vem, quando vós vindes?"

— Corre Jatyr no bosque, diz um chefe,
Bem sabes como: acinte se desgarra
Dos nossos, — anda só, talvez sem armas,
Talvez bem longe; acordo nelle é certo,
Creio, de nos tachar assim de fracos! —

Pae de Jatyr, Ogib, entrára em annos;
Grosseiro cedro mal lhe firma os passos,
Os olhos pouco vêm; mas de conselho
Valioso e prestante. Alli, mil vezes,
Havia com prudencia temperado
O juvenil ardor dos seos, que o ouvião.
Alheio agora da prudencia, escuta
A voz que o filho amado lhe crimina.
Sopra-lhe o diser acre a cinza quente,
Viva, accesa, antes brasa, — o amor paterno:
Amor inda tão forte na velhice,
Como no dia venturoso, quando
Cendy, que os olhos seos só virão bella,
Sorrindo luz de amor dos meigos olhos,
Carinhosa lh'o deo; quando na rede
Ouvia com praser as ledas vozes
Dos companheiros seos, — e quando absorto,
Olhos pregados no gentil menino,

Bem longas horas, sim, porém bem doces
Levou scismando aventuradas sinas.
Alli o tinha, alli meigo e risonho
Aquelles tenros braços levantava;
Aquelles olhos limpidos se abrião
Á luz da vida: candido sorriso,
Como o sorrir da flor no romper d'alva,
Radiava-lhe o rosto: quem julgára,
Quem podera aventar, suppor ao menos
Haverem de apertar-se aquelles braços
Tão mimosos, um dia, contra o peito
Arquejante e cançado, — e aquelles olhos
Verterem pranto amargo em soledade?
Incrivel! — porém lagrimas crescerão-lhe
Dos olhos, — lá tombou-lhe uma, das faces
No filho, em cujo rosto um beijo a enxuga.

Agora, Ogib, alheio da prudencia,
Que ensina, imputações tão más ouvindo
Contra o filho querido, acre responde.

„São torpes os anúns que em bandos folgão,
São máos os caitetus, que em varas pascem.
Somente o sabiá geme sosinho,
E sosinho o Condor aos céos remonta.
Folga Jatyr de só viver comsigo:
Em bem, que tens agora que diser-lhe?
Esmaga o seo tacápe a quem vos prende,

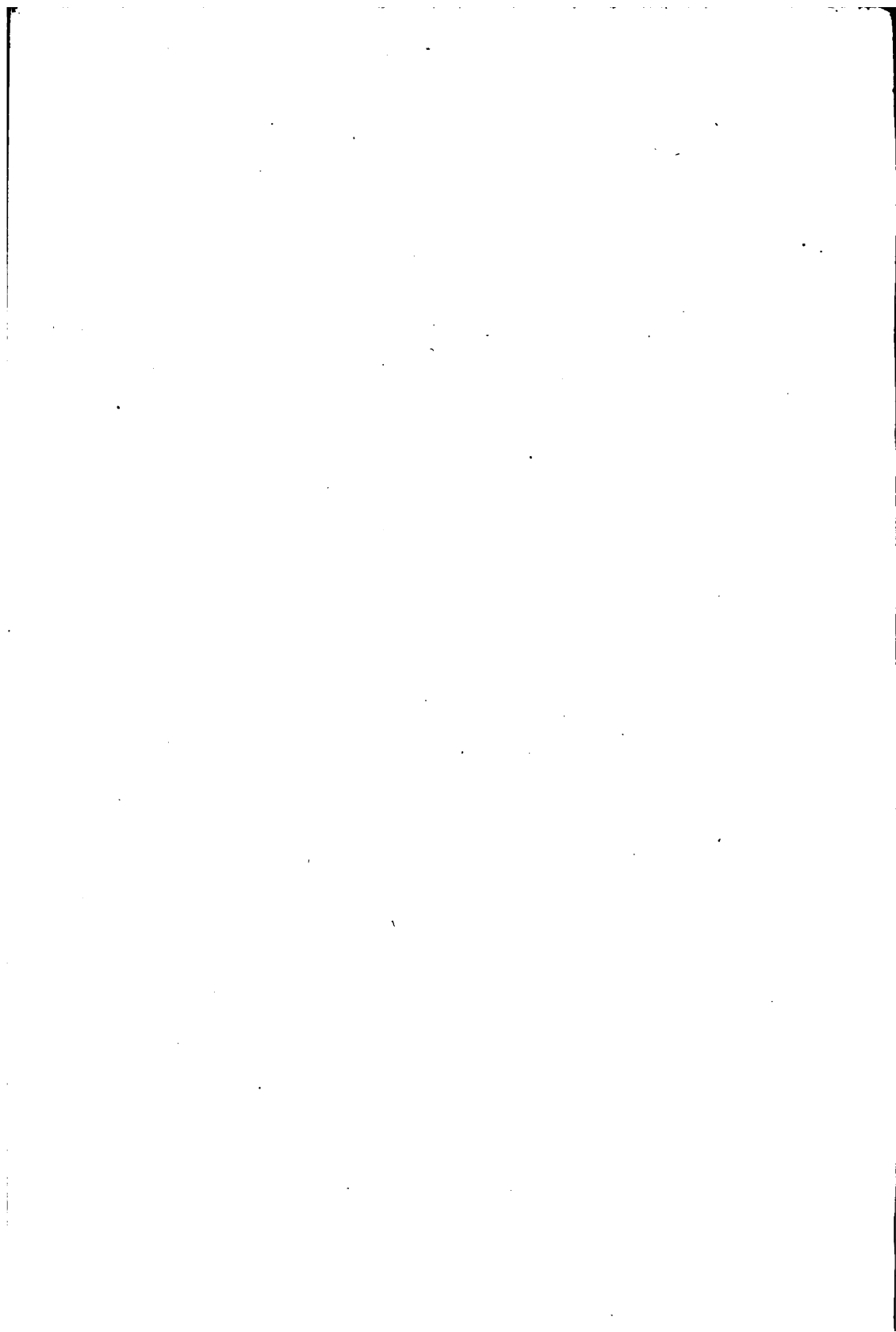
A quem vos damna, afoga entre os seos braços,
E em quem vos accommette, emprega as setas.
Fraco! não temes ja que te não falte
O primeiro entre vós, Jatyr, meo filho?"

Despeitoso Itajuba, ouvindo um nome,
Embora o de Jatyr, apregoado
Melhor, maior que o seo, a testa enruga
E diz severo aos dois q'inda argumentão.

Mais respeito, mancebo, ao sabio velho,
Qu', eramos nós crianças, manejava
A seta e o arco em defensão dos nossos.
Tu, velho, mais prudencia. Entre nós todos
O primeiro sou eu: Jatyr, teo filho,
È forte e bravo; porém novo. Eu mesmo
Gabo-lhe o porte e a gentilesa; e aos feitos
Novéis applaudo: bem maneja o arco,
Vibra certeira a frecha; mas . . . (Sorrindo
Prosegue) afóra delle inda ha quem saiba
Mover tão bem as armas, e nos braços
Robustos, afogar fortes guerreiros.
Jatyr virá, senão . . . serei comvosco,
(Disse voltado para os seos, que o cercão)
E bem sabeis que vos não falto eu nunca.

Altercão elles nas ruidosas tabas,
Em quanto Jurucey com pé ligeiro

Caminha: as aves docemente atitão,
De ramo em ramo — docemente o bosque
Á medo rumoreja, — á medo o rio
Escôa-se e murmura: um borborinho,
Confuso se propaga, — um raio incerto
Dilata-se do sol doirando o occaso.
Ultimo som que morre, ultimo raio
De luz, que treme incerta, quantos entes
Oh! quantos! hão de ver a luz de novo
E o romper d'alva, e os ceos, e a naturesa
Risonha e fresca, — e os sons, e os ledos cantos
Ouvir das aves timidas no bosque
Outra vez ao surgir da nova aurora?!

CANTO SEGUNDO.

Desdobra-se da noite o manto escuro:
Leve brisa subtil pela floresta
Enreda-se e murmura, — amplo silencio
Reina por fim. Nem saberás tu como
Essa imagem da morte é triste e torva,
Se nunca, a sós comtigo, a presentiste
Longe deste zunir da turba inquieta.
No ermo, sim; procura o ermo e as selvas . . .
Escuta o sôm final, o extremo alento,
Que exhala em fins do dia a naturesa!
O pensamento, que incessante vôa,
Vae do som á mudez, da luz ás sombras
E da terra sem flôr, ao ceo sem astro.
Simelha a fraca luz, qu' inda vacilla
Quando, em ledo saráu, o extremo acorde
No deserto salão geme, e se apaga!

Era pujante o chefe dos Tymbiras,
Sem conto seos guerreiros, tres as tabas,

Opimas, — uma e uma derramadas
Em gyro, como dança dos guerreiros.
Quem não folgára de as achar nas mattas!
Tres flores em tres hastes differentes
N'um mesmo tronco, — tres irmãs formosas
Por um laço de amor alli prendidas
No ermo; mas vivendo aventuradas?
Deo-lhes assento o heróe entre dois montes,
Em chã copada de frondosos bosques.
Alli o cajazeiro as perfumava,
O cajueiro, na estação das flores,
De vivo sangue marchetava as folhas:
As mangas, curvas á feição de um arco,
Beijavão-lhes o tecto; a sapucaya
Lambia a terra, — em graciosos laços
Doces maracujás de espessas ramas
Sorrião-se pendentes; o páo d'arco
Fabricava um docel de croceas flores,
E as parasitas de matiz brilhante
A usnea das palmeiras estrellavão!

Quadro risonho e grande, em que não fosse
Em granito ou em marmore talhado!
Nem palacios, nem torres avistaras,
Nem castellos que os annos vão comendo,
Nem grimpas, nem zimborios, nem feituras
Em pedra, que os humanos tanto exaltão!
Rudas palhoças só! que mais carece

Quem ha de ter somente um sol de vida,
Jasendo negro pó antes do occaso?
Que mais? Tão bem a dor ha de sentar-se
E a morte revoar tão sôlta em gritos
Alli, como nos atrios dos senhores.
Tão bem a compaixão ha de cobrir-se
De dó, limpando as lagrimas do afflicto.
Incertesa voraz, timida esp'rança.
Desejo, inquietação tambem la morão;
Que sóbra pois em nós, que falta nelles?

De Itajuba separão-se os guerreiros;
Mudos, ás portas das sombrias tabas,
Immoveis, nem que fossem duros troncos,
Pensativos meditão: Já da guerra
Nada receião que Itajuba os manda:
O encanto, os manitôs inda o protegem,
Vela Tupan sobre elle, e os sanctos piagas
Comprida serie de floridas quadras
Ver lhe asseguirão: nem de ha pouco a luta,
Melhor disseras de renome ensejo,
Os desmentio, que nunca os piagas mentem.
Medo, certo, não têm; são todos bravos!
Por que meditão pois? Tambem não sabem!

Sahe o piaga no emtanto da caverna,
Que nunca humanos olhos penetrarão;
Com ligeiro sendal os rins aperta,

Cocar de escuras plumas se debruça
Da fronte, em que se enxerga em fundas rugas
O tenaz pensamento afigurado.
Cercão-lhe os pulsos cascaveis loquases,
Respondem outros, no tripudio sacro,
Dos pés. Vem magestoso, e grave, e cheio
Do Deos, que o peito seo, tão fraco, habita.
E em quanto o fumo lhe volteia em torno,
Como neblina em torno ao sol que nasce,
Ruidoso maracá nas mãos sustenta,
Sólta do sacro rito os sons cadentes.

„Visita-nos Tupan, quando dormimos,
E' só por seo querer que então sonhamos;
Escute-me Tupan! Sobre vós outros,
Poder do maracá por mim tangido,
Os sonhos desção, quando o orvalho desce.

„O poder de Anhangá cresce co'a noite;
Sólta de noite o máo seos máos ministros:
Caraibêbes na floresta accendem
A falsa luz, que o caçador transvia.
Caraibêbes enganosas formas
Dão-nos aos sonhos, quando nós sonhamos.
Poder do fumo, que lhes quebra o encanto,
De vós se partão; mas Tupan vos olhe,
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce.

„Tristonhos pios a acauán desata,
Quando ao guerreiro prognostica males;
Tristonhos bandos de urubús vorazes
Os sonhos turbão das vencidas hostes:
Cheios de medo os manitôs desertão
As tabas mudas, que hão de ser calcadas,
Ja cinza fria, pelo imigo fero.
Não fujão Manitôs as nossas tabas!
Urubús, acáuans nos vossos sonhos,
Virtude e força deste meo tripudio,
Não se vos pintem; mas Tupan vos olhe
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce!

„O sonho e a vida são dois galhos gemeos;
São dois irmãos que um laço amigo aperta:
A noite é o laço; mas Tupan é o tronco
E a seve e o sangue que circula em ambos.
Vive melhor quem da existencia ignaro,
Na paz da noite, novas forças cria.
O louco vive com aferro, em quanto
N'alma lhe ondeião do delirio as sombras,
De vida espurias; Deos porém lh'as rompe,
E na loucura do porvir nos falla!
Tupan vos olhe, e sobre vós do Ybake
Os sonhos desção, quando o orvalho desce."

Assim cantava o piaga merencorio,
Tangia o maracá, dançava em roda

Dos guerreiros: podéra ouvido attento
Os sons finaes da lugubre toada
Na placida mudez da noite amiga
De longe, em côro ouvir: „Sobre nós outros
Os sonhos desção, quando o orvalho desce.“

Calou-se o piaga, ja descanção todos!
Almo Tupan os communique em sonhos,
E os que sabem tão bem vencer batalhas,
Quando acordados malbaratão golpes,
Saibão dormidos figurar triunfos!

Mas que medita o chefe dos Tymbiras?
Bosqueja por ventura ardiz de guerra,
Fabríca e enreda as asperas ciladas,
E a olhos nús do pensamento enxerga
Desfeita em sangue revolver-se em gritos
Morte pavida e má?! ou sente e avista,
Escandecida a mente, o Deos da guerra
Impavido Areski, sanhudo e forte,
Calcar aos pés cadaveres sem conto,
Na dextra ingente sacudindo a maça,
Donde certeira come o raio, desce
A morte, e banha-se orgulhosa — em sangue?

Al sente o bravo; outro pensar o occupa!
Nem Areskí, nem sangue se lhe antolha,
Nem resolve comsigo ardiz de guerra,

Nem combates, nem lagrimas medita:
Sentio calar-lhe n'alma um sentimento
Gelado e mudo, como o véo da noite.
Jatyr, dos olhos negros, onde pára?
Que faz? que lida? ou que fortuna corre?
Tres sóes ja são passados: quanto espaço,
Quanto azar não correo nos amplos bosques
O improvido mancebo aventureiro?
Alli na relva a cascavel se esconde,
Alli, das ramas debruçado, o tigre
Aferra traiçoeiro a presa incauta!
Reserve-lhe Tupan mais fama e gloria,
E voz amiga de cantor suave
C'os altos feitos lhe embalsame o nome!

Assim discorre o chefe, que em nodoso
Tronco rudo-lavrado se recosta:
Não tem poder a noite em seos sentidos,
Que a mesma ideia de continuo volvem.
Vela e treme nos tectos da cabana
A baça luz das resinosas tochas,
Acres perfumes recendendo; — alastrão
De rubins côr de brasa a flôr do rio!

„Ouvira com prazer um triste canto,
Diz la comsigo; um canto merencorio,
Que este presagio funebre espancasse.
Bem sinto um não sei quê aferventar-se-me

Nos olhos, que vae prestes expandir-se:
Não sei chorar, bem sei; mas fôra grato,
Talvez bem grato! á noite, e a sós commigo,
Sentir macias lagrimas correndo.
O talo agreste de um cipó sem graça
Verte compridas lagrimas cortado;
O tronco do cajá desfas-se em goma,
Supira o vento, o passarinho canta,
O homem chora! eu só, mais desditoso,
Invejo o passarinho, o tronco, o arbusto,
E quem, feliz, de lagrimas se paga.“

Longo espaço depois fallou comsigo,
Mudo e sombrio: „Sabiá das matas,
Croá (diz elle ao filho d'Yandyroba),
As mais canoras aves, as mais tristes
No bosque, a suspirar comtigo aprendão.
Canta, pois que trocára de bom grado
Os altos feitos pelos doces carmes
Quem quer que os escutou, mesmo Itajuba.

Emmudeceo: na taba quasi escura,
Com pé alterno a dança vagarosa,
Aos sons do maracá, traçava os passos.

„Flôr de bellesa, luz de amor, Coema,
Murmurava o Cantor, onde te foste,
Tão doce e bella, quando o sol raiava?

Coema, quanto amor que nos deixaste?
Eras tão meiga, teo sorrir tão brando,
Tão macios teos olhos! teos accentos
Cantar perenne, tua voz gorgeios,
Tuas palavras mel! O romper d'alva,
Se encantos punha a par dos teos encantos,
Tentava embalde pleitear comtigo!
Não tinha a ema porte mais soberbo,
Nem com mais graça recurvava o collo!
Coema, luz de amor, onde te foste?

„Amava-te o melhor, o mais guerreiro
D'entre nós: elegeo-te companheira,
A ti somente, que só tu achavas
Sorriso e graça na presença delle.
Flôr, que nasceste no musgoso cedro,
Cobravas pareas de abundante seiva,
Tinhas abrigo e protecção das ramas. . . .
Que vendaval te despegou do tronco,
E ao longe, em pó, te esperdiçou no valle?
Coema, luz de amor, flôr de bellesa,
Onde te foste, quando o sol raiava?

„Anhangá rebocou estreita ygara
Contra a corrente: Orapacên vem nella,
Orapacên, Tupinambá famoso.
Conta prodigios d'uma raça estranha,
Tão alva como o dia, quando nasce,

Ou como a areia candida e lusente,
Que as aguas d'um regato sempre lavão.
Raça, a quem os raios promptos servem,
E o trovão e o relampago acompanhão.
Já de Orapacên os mais guerreiros
Mordem o pó, e as tabas feitas cinza
Clamão vingança em vão contra os estranhos,
Talvez d'outros estranhos perseguidos,
Em punição talvez d'atroz delicto.
Orapacên, fugindo, brada sempre:
Maír! Maír! Tupan! — Terror que mostra,
Brados que sólta, e as derrocados tabas,
Desde Tapuytapéra alto proclamão
Do vencedor a indomita pujança.
Ai! não viesse nunca as nossas tabas
O tapuya mendaz, que os bravos feitos
Narrava do Maír; nunca os ouviras,
Flôr de bellesa, luz de amor, Coema!

„A cega desventura, nunca ouvida,
Nos move á compaixão: prestes corremos
Com ledo gasalhado a restaural-os
Da vil dureza do seo fado: dormem
Nas nossas redes, deligentes vamos
Colher-lhes fructos, — descançados folgão
Nas nossas tabas: Itajuba mesmo
Off'rece abrigo ao palrador tapuya!
Hospedes são, nos diz; Tupan os manda:

Os filhos de Tupan serão bem vindos,
Onde Itajuba impera! — Ai que não erão,
Nem filhos de Tupan, nem gratos hospedes
Os vis que o rio, a custo, nos trouxera;
Antes dolosa resfriada serpe
Que ao nosso lar creou vida e peçonha.
Quem nunca os vira! porêm tu, Coema,
Leda avesinha, que adejavas livre,
Azas da côr da prata ao sol abrindo,
A serpente cruel por que fitaste,
Se já do olhado máo sentias pejo?!

„Ouvimos, uma vez, da noite em meio,
Voz de afflicta mulher pedir soccorro
E em tom sumido lastimar-se ao longe.
Orapacen! — bradou feroz tres vezes
O filho de Jaguar: clamou debalde.
Somente acode o echo á voz irada,
Quando elle o malfeitor no instincto enxerga.
Em sanhas rompe o chefe hospitaleiro,
E tenta com affan chegar ao termo,
Donde as querellas miseras partião.
Chegou — já tarde! — nós, mais tardos inda,
Assistimos ao subito espectaculo!

„Queimão-se raros fogos nas desertas
Margens do rio, quasi immerso em trevas:
Afadigados no labor nocturno,

Os traiçoeiros hospedes caminhão,
Pejando á pressa as concavas ygaras.
Longe, Coema, a doce flôr dos bosques,
Com voz de embrandecer duros penhascos,
Supplíca e roja em vão aos pés do fero,
Cavilloso tapuya! Não resiste
Ao fogo da paixão, que dentro lavra,
O barbaro, que a vio, que a vê tão bella!

„Vai arrastal-a, — quando sente uns passos
Rapidos, breves, — volta se: — Itajuba!
Grita; e os seos, medrosos, receiando
A perigosa luz, os fogos matão.
Mas, no extremo clarão que elles soltarão,
Vio-se Itajuba com seo arco em punho,
Calculando a distancia, a força e o tiro:
Era grande a distancia, a força immensa . . ."

„E a raiva incrivel, continúa o chefe,
A antiga cicatriz sentindo abrir-se!
Ficou-me o arco em dois nas mãos partido,
E a frecha vil cahio-me aos pés sem força."
E assim disendo nos cerrados punhos
De novo pensativo a fronte opprime.

„Sim, tornava o Cantor, immenso e forte
Devera o arco ser, que entre nós todos
Só um achou, que lhe vergasse as pontas,

Qnando Jaguar morreo! — partio-se o arco!
Depois ouvio-se um grito, após ruido,
Que as aguas fasem no tombar de um corpo;
Depois — silencio e trevas . . .

„Nessas trevas,
Replicava Itajuba, — inteira a noite,
Louco vaguei, corri d'encontro as rochas,
Meo corpo lacerei nos espinheiros,
Mordi sem tino a terra já cançado:
Soluçavão porêm meos frouxos labios
O nome della tão querido, e o nome . . .
Aos vis Tupinambas nunca os eu veja,
Ou morra, antes de mim, meo nome e gloria
Se os não hei de punir ao recordar-me
A aurora infausta que me trouxe aos olhos
O cadaver . . ." parou, que a estreita gorja
Recusa aos cavos sons prestar accento.

„Descança agora o pallido cadaver
(Continúa o cantor) junto a corrente
Do regato, que volve areias d'ouro.
Alli agrestes flores lhe matisão
O modesto sepulcro, — aves canóras
Descantão tristes nenias ao compasso
Das aguas, que tambem nenias solução.

„Suspirada Coema, em paz descança
No teo florido e funebre jazigo;

Mas quando a noite dominar no espaço,
Quando a lúa coar humidos raios
Por entre as densas, buliçosas ramas,
Da candida neblina véste as formas,
E vem no bosque suspirar co'a brisa:
Ao guerreiro, que dorme, inspira sonhos,
E á virgem, que adormece, amor inspira "

Calou-se; o maraçá rugio de novo
A extrema vez, e jaz emmudecido.
Mas no remanso do silencio e trevas,
Como debil vagido, escutarias
Queixosa voz, que repetia em sonhos:
„Veste, Coema, as formas da neblina,
Ou vem nos raios tremulos da lúa
Cantar, viver e suspirar commigo."

Ogib, o velho, pae do aventureiro
Jatyr, não dorme nos vasios tectos:
Do filho ausente prendem-no cuidados;
Vela cançado e triste o pae coitado,
Lembrando-se desastres que passarão
Improvidos, no bosque pernoitando.
E vela, — e a mente afflicta mais se enluta,
Quanto mais cresce a noite e as trevas crescem!

Ja tarde, sente uns passos apressados,
Medindo a taba escura; o velho treme,

Estende a mão convulsa, e roça um corpo
Molhado e tiritante: a voz lhe falta . . .
Attende largo espaço, até que escuta
A voz do sempre afflicto Piahiba,
Ao pé do fogo extincto lastimar-se.

„O louco Piahiba, a noite inteira,
Andou nas matas; miserando soffre;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sobre ellas:
Como o verme na fructa, um Deos maligno
Lhe mora na cabeça, oh! quanto soffre!

„Em quanto o velho Ogib está dormindo,
Vou-me aquecer;
O fogo é bom, o fogo aquece muito;
Tira o soffrer.
Em quanto o velho dorme, não me expulsa
D'ao pé do lar;
Dou-lhe a mensagem, que me deo a morte,
Quando acordar!
Eu vi a morte; vi-a bem de perto
Em hora má!
Vi-a de perto, não me quiz comsigo,
Por ser tão má.
Só não tem coração, dizem os velhos,
E é bem de ver;
Que, se o tivera, me daria a morte,

Que é meo querer.
Não quiz matar-me; mas é bem formosa;
Eu vi-a bem:
É como a virgem, que não tem amores,
Nem odios tem.
O fogo é bom, o fogo aquece muito,
Quero-lhe bem!"

Remexe, assim disendo, as frias cinzas
E mais e mais conchega-se ao borralho.
O velho em tanto, erguido a meio corpo
Na rede, escuta pavido, e tirita
De frio e medo, — quasi igual delirio
Castiga-lhe as ideias transtormadas.

„Ja me não lembra o que me disse a morte!...
Ah! sim, já sei!
— Junto ao sepulcro da fiel Coema,
Alli serei:
Ogib empraso, que a fallar me venha
Ao anoitecer! —
O velho Ogib hade ficar contente
Co'o meo diser;
Talvez que o velho, que viveo já muito,
Queira morrer!"

Emmudeceo: alfim tornou mais brando.

„Mas dizem que a morte procura mancebos;
Porêm tal não é:

Que colhe as florinhas abertas de fresco
E os fructos no pé?! . . .
Não, não, que só ama sem folhas as flores,
E sem perfeição;
E os fructos perdidos, que apanha golosa,
Cahidos no chão.
Tambem me não lembra que tempo hei vivido,
Nem por que razão
Da morte me queixo, que vejo, e não vê-me,
Tão sem compaixão.“

As ancias não vencendo, que o soçobrão
Salta da curva rede Ogib afflicto;
Tremulo as trevas apalpando, topa,
E roja miserando aos pés do louco.

„Oh! dise-me, se a viste, e se em tua alma
Algum sentir humano inda se aninha,
Jatyr, que é feito delle? Disse a morte
Haver-me cubiçado o moço imberbe,
A cara luz dos meos cançados olhos?
O dise-o! Assim o espirito inimigo
Folgados annos respirar te deixe!“

O louco ouvio nas trevas os soluços
Do velho, mas seos olhos nada alcanção:
Pasma, e de novo o seo cantar começa:
„Em quanto o velho dorme não me expulsa
D'ao pé do lar.“

— „Mas expulsei-te eu nunca?
Tornava Ogib a desfaser-se em pranto,
Em ancias de transido desespero.
Bem sei que um Deos te mora dentro d'alma;
E nunca houvera Ogib de espancar-te
Do lar, onde Tupan é venerado.
Mas falla! oh! falla, uma só vez repete-o:
Vagaste á noite nas sombrias matas ...“

„Silençio! brada o louco: não escutas?!
E pára, como ouvindo uns sons longinquos.
Depois prosegue: „Piahiba o louco
Errou de noite nas sombrias matas;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sobre ellas.
Geme e soffre e sente fome e frio,
Nem ha quem de seos males se condôa.
Oh! tenho frio! o fogo é bom, e aquece,
Quero-lhe bem!“

„Tupan, que tudo podes,
Orava Ogib em lagrimas desfeito,
A vida inutil do cançado velho
Toma, se a queres; mas que eu veja em vida
Meo filho, e só depois me colha a morte.“

CANTO TERCEIRO.

Era a hora em que a flôr balança o calix
Aos doces beijos da serena brisa,
Quando a ema soberba alteia o collo,
Roçando apenas o matiz relvoso;
Quando o sol vem doirando os altos montes,
E as ledas aves á porfia trinão,
E a verde coma dos frondosos cerros
Move o perfume, que embalsama os ares;
Quando a corrente meio occulta sôa
De sob o denso veô da parda nevoa,
Quando nos pannos das mais brancas nuvens
Desenha a aurora melindrosos quadros
Gentiz orlados com listões de fogo;
Quando o vivo carmin do esbelto cactus
Refulge á medo abrilhantado esmalte,
Doce poeira de aljofradas gotas,
Ou pó subtil de perolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amores,
Era o nascer do sol, libando as meigas,

Risonhas faces da lusente aurora!
Era o canto e o perfume, a luz e a vida,
Uma só coisa e muitas, — melhor face
Da sempre vária e bella naturesa:
Um quadro antigo, que ja vimos todos,
Que todos com praser vemos de novo.

Ama o filho do bosque contemplar-te,
Risonha aurora, — ama acordar comtigo;
Ama espreitar nos ceos a luz que nasce,
Ou rosea ou branca, ja carmim, ja fogo,
Já timidos reflexos, ja torrentes
De luz, que fere obliqua os altos cimos.
Amavão contemplar-te os de Itajuba
Impavidos guerreiros, quando as tabas
Immensas, que Jaguar fundou primeiro
Crescião, como crescem gigantescos
Cedros nas matas, prolongando a sombra
Longe nos valles, — e na copa excelsa
Do sol estivo os abrasados raios
Parando em vasto leito de esmeraldas.

As tres formosas tabas de Itajuba
Ja forão como os cedros gigantescos
Da corrente impedrada: hoje acamados
Fosseis que dormem sob a terrea crusta,
Que os homens e as nações por fim sepultão
No bojo immenso! — Chame-lhe progresso

Quem do exterminio secular se ufana;
Eu modesto cantor do povo extincto
Chorarei nos vastissimos sepulcros,
Que vão do mar aos Andes, e do Prata
Ao largo e doce mar das Amasonas.
Alli me sentarei meditabundo
Em sitio, onde não oição meos ouvidos
Os sons frequentes d'europeus machados
Por mãos de escravos Afros manejados:
Nem veja as matas arrasar, e os troncos,
D'onde chorando a preciosa goma,
Resina virtuosa e grato incenso
A nossa incuria grande eterno assellão;
Em sitio onde os meos olhos não descubrão
Triste arremedo de longinquas terras.
Aos crimes dos nações Deos não perdôa;
Do pae aos filhos e do filho aos netos,
Por que um delles de todo apague a culpa,
Virá correndo a maldicção — contínua,
Como fuzis de uma cadeia eterna.
Virão nas nossas festas mais solemnes
Myriadas de sombras miserandas
Escarnecendo, seccar o nosso orgulho
De nação; mas nação que tem por base
Os frios ossos da nação senhora,
E por cimento a cinza profanada
Dos mortos, amassada aos pés de escravos.
Não me deslumbra a luz da velha Europa;

Hade apagar-se, mas que a innunde agora:
E nós! . . . sucamos leite máo na infancia,
Foi corrompido o ar que respiramos,
Havemos de acabar talvez primeiro.

America infeliz! — que bem sabia,
Quem te creou tão bella e tão sosinha,
Dos teos destinos máos! Grande e sublime
Corres de polo a polo entre os dois mares
Maximos do globo: annos da infancia
Contavas tu por seculos! que vida
Não fôra a tua na sazão das flores!
Que magestosos fructos, na velhice,
Não deras tu, filha melhor do Eterno;
America infeliz, ja tão ditosa
Antes que o mar e os ventos não trouxessem
A nós o ferro e os cascaveis da Europa?!
Velho tutor e aváro cubiçou-te,
Desvalida pupilla, a herança pingue
E o brilho e os dotes da sem par bellesa!
Cedeste, fraca; e entrelaçaste os annos
Da mocidade em flôr — ás cans e a vida
Do velho, que ja pende e ja declina
Do leito conjugal immerecido
Á campa, onde talvez cuida encontrar-te!

Tu, filho de Jaguar, guerreiro illustre,
E os teos, de que então vos occupaveis,

Quando nos vossos mares alinhadas
As náos de Hollanda, os galeões de Hespanha,
As fragatas de França, e as caravellas
E portuguesas naós se abalroavão,
Retalhando entre si vosso dominio,
Qual se vosso não fora? Ardia o prelio,
Fervia o mar em fogo a meia noite,
Nuvem de espesso fumo condensado
Toldava astros e ceos; e o mar e os montes
Acordavão rugindo aos sons troantes
Da insolita peleja! — Vós, guerreiros,
Vós, que fasieis, quando a espavorida,
Fera bravia procurava azilo
Nas fundas matas, e na praia o monstro
Marinho, a quem o mar, já não seguro
Reparo contra a força e industria humana,
Lançava alheio e pavido na areia?
Agudas setas, validos tacápes
Fabricavão talvez! . . . ai não . . . capellas,
Capellas ennastravão para ornato
Do vencedor; — grinaldas penduravão
Dos alindados tectos, por que vissem
Os forasteiros, que os paternos ossos
Deixando atraz, sem manitôs vagavão,
Os filhos de Tupan como os hospedão
Na terra, a que Tupan não dera ferros!

Rompia a fresca aurora, rutilando
Signaes de um dia limpido e sereno.
Então vinhão sahindo os de Itajuba
Fortes guerreiros a contar os sonhos
Com que Tupan amigo os bafejara,
Quando as estrellas pallidas tombavão,
Já de clarão maior esmorecidas.
Vinhão ledos ou tristes na apparencia,
Timoratos ou cheios de hardimento,
Como o futuro evento se espelhava
Nos sonhos, bons ou máos; mas accordal-os
Disparatados, e o melhor de tantos
Colligir, era missão mais alta.
Não fosse o piaga interprete divino,
Nem os seos olhos penetrantes vissem
O porvir, ao travez do véo do tempo,
Como ao travez do corpo a mente enchergão;
Não fosse, e quem ha hi que se afoutasse
Em campo de batalha a expor a vida,
A vida nossa tão querida, e tanto
Da flôr a vida breve semilhando:
Roaz insecto a vae traçando em gyro,
Nem mais revive uma só vez cortada!

Mande porém Tupan seos gratos filhos,
Rogados sonhos, que os decifra o piaga:
E Tupan, de benigno os influe sempre
Em vesp'ras de batalha, como as chuvas

Descem, quando a terra humores pede,
Ou como, em sazão propria, brotão flores.

Postão-se em forma de crescente os bravos:
Avida turba mulheril no emtanto
O rito sacro impaciente aguarda.
Brincão na relva os folgasões meninos,
Em quanto, os mais crescidos, contemplando
O apparato electrico das armas,
Enlevão-se; e, mordidos pela inveja,
Discorrem lá comsigo: Quando havemos,
Nós outros, d'empunhar d'aquelles arcos,
E quando levaremos de vencida
As hostes vis do perfido Gamella!

Vem por fim Itajuba. O piaga austero,
Volvendo o maraçá nas mãos myrrhadas,
Pergunta: „Foi o espirito comvosco;
O espirito da força, e os ledos sonhos,
Ministros de Tupan, nuncios da gloria?"
— Sim, forão, lhe respondem, lèdos sonhos,
Correios de Tupan; mas o mais claro,
E' duro nó que o piaga só desata.
„Disei-os pois que vos escuta o piaga."
Disse, e maneja o maracá: das boccas
Do misterio divino, em puros flocos
De neve, o fumo em borbotões golfeja.

Diz um que divagando em matas virgens,
Sentira a luz fugir-lhe de repente
Dos olhos, — se não foi que a naturesa,
Por magico feitiço transtornada,
Vestia por si mesma novas gallas
E aspectos novos, — nem as elegantes,
Viçosas trepadeiras, nem as redes
Agrestes do cipó ja divisava.
Em logar da floresta, uma clareira
Relvosa descobria, em vez das arvores
Tão altas, de que havia pouco o bosque
Parecia ufanar-se, — um tronco apenas,
Mas tronco tal que os resumia a todos.

Alli sosinho o tronco agigantado
Luxuriava em folhas verde-negras,
Em flores côr de sangue, e na abundancia
Dos fructos, como nunca os vio nas matas;
Tão alvos como a flôr do mamãozeiro,
De macia pennugem debruados.

„Extatico de os ver alli tão bellos
Taes fructos, que eu algures nunca vira,
O barbaro disia, fui colhendo
O melhor, por que o visse de mais perto.
Pezar de não saber se era salubre,
Anciava gostal-o, e em dura lida
Lutava o meo desejo co'a prudencia.
Venceo aquelle! ai não vencesse nunca!

Nunca, ludibrio vão dos meos desejos,
Mordessem-n'o meos labios resequidos.
Contal-o me arripia! — Mal o tóco,
Força-me a regeital-o um quê de occulto,
Que os nervos me estremece: a cauza inquiro . . .
Eis que uma cobra, uma coral, de dentro
Desdobra o corpo lubrico, e em tres voltas,
Mal grata armilla, me circunda o braço.
Da vista e do contacto horrorisado,
Sacudo o extranho ornato; em vão me agito:
Com quanto mais affan tento livrar-me,
Mais apertado o sinto. — Nisto acórdo,
Humido o corpo e fatigado, e a mente
Molesta ainda do combate inglorio.
O que é, não sei; tu sabes tudo, ó piaga:
Ha hi talvez razão que eu não alcanço,
Que certo isto não é sonhar batalhas."

„Haja sentido occulto no teo sonho,
(Diz ao guerreiro o piaga) eu, que levanto
O véo do tempo, e aos mortaes o mostro,
Dirt' o-hei por certo; mas eu créio e tenho
Que algum genio turbou-te a fantasia,
Talvez angoéra de traidor Gamella;
Que os Gamellas são perfidos em morte,
Como em vida — Assim é, diz Itajuba.

Outro sonhou caçadas abundantes,
Temiveis caitetús, pacas ligeiras,

Coatis e jabotins, — té onça e tigres,
Tudo em rimas, em feixes: outro em sonhos
Nada disto enxergou; porém cardumes
De peixes varios, que o timbó prestante
Trasia quasi a mão, se não fechados
Em mondés espaçosos! — gaudio immenso!
De os ver alli raivando na estacada
Tão grandes serubins, traúiras tantas,
Ou boiando sem tino á flôr das aguas!

„Outros não virão nem mondés, nem peixes,
Nem aves, nem quadrupedes; mas grandes
Çamotins transbordando argentea espuma
Do fervente cauím; e por tres noites
Gyrar em roda a taça do banquete,
Em quanto cada qual memora em cantos
Os feitos proprios: reina o guáu, que passa
D'estes áquelles com cadencia alterna.

„O piaga exulta! Eu vos auguro, ó bravos
Do heróe Tymbira (clama enthusiasta)
Leda victoria! Nunca em nossas tabas
Haverá de correr melhor folgança,
Nem ganhareis jamais honra tamanha.
Bem sabeis como é de uso entre os que vencem
Festejar o triunfo: o canto e a dança
Marchão de par, — banquetes se preparão,
E a gloria da nação mais alta brilha!

Oh! nunca sobre as tabas de Itajuba
Haverá de nascer mais grata aurora!"

Soão festivos gritos, e as pocemas
Dos guerreiros, que soffregos escutão
Do piaga os ditos, e o feliz augurio
Da proxima victoria. Não dissera,
Quem quer que fosse extranho aos usos delles,
Senão que por aquella densa pinha
De vulgo, se espalhára a fausta nova
De gloriosa acção já consumada,
Que os seos, validos da victoria, obrárão.

Emtanto Japegoá posto de parte,
Em quanto lavra em todos o contagio
Da gloria e do praser, — bem claro mostra
No rosto descontente o que medita.
„Praser que em altos gritos se propala,
Discorre la comsigo o Americano,
E'como a chamma rapida correndo
Nas folhas da pindoba: é falso e breve!"

Attenta nelle o chefe dos Tymbiras,
Como que interno, igual presentimento
Regeita, seo máo grado, a voz do piaga.
„Que pensa Japegoá? Acaso em sonhos
Tremendo e torvo se lhe antolha o exito
Da batalha? ou seja, ou não comnosco,
Que tarda em nos diser seo pensamento?"

„Eu vi“, diz Japegoá (e assim disendo,
Sacode vezes tres a fronte adusta,
Onde gravára da prudencia o sello
Continuo meditar). „Vi altos combros
De mortos ja pollutos, — vi lagôas
Brutas de sangue impuro e negrejante;
Vi setas e carcaz espedaçados,
Tacápes adentados, ou partidos
Ou ja sem fio! — vi . . .“ Eis Catucaba
Mal soffrido intervem, interrompendo
A narração do sonhador de males.
Bravo e hardido como é, nunca a prudencia
Lhe foi virtude, nem por tal a acceita.
Nunca o memby guerreiro em seos ouvidos
Troôu medonho, inhospito combate,
Que as armas não corresse o valeroso,
Intrepido soldado; mais que tudo
Amava a luta, o sangue, vascas, transes,
Convulsos arrepios, altos gritos
Do vencedor, imprecações sumidas
Do que, vencido, jaz no pó sem gloria.
Sim, ama e quer o trafego das armas
Talvez melhor que a si; nem mais risonha
Imagem se lhe antolha, nem ha cousa
Que tenha em mais apreço ou mais cubice.
O p'rígo mesmo, o leite dos combates,
(Cauim das almas fortes o chamava)
Era sorte e condão que o electrisava:

Um p'rigo que aventasse era feitiço,
Que em delirio de febre o transtornava.
Fanatico de si, ébrio de gloria,
Lá se arrojava intrepido e brioso,
Onde pior, onde mais negro o via.

Não erão dois na esquadra de Itajuba
De genios em mais pontos encontrados:
Por isso em luta sempre. Catucaba,
Fragueiro, inquieto, sempre aventuroso,
Em cata de mais gloria e mais renome,
Sempre á mira de encontros arriscados,
Sempre o arco na mão, sempre embebida
Na corda tesa a frecha equilibrada.
Ninguem mais solto em vozes, mais galhardo
No guerreiro desplante, ou que mostrasse
Atrevido e soberbo e forte em campo
Quer pujança maior, quer mais orgulho.

Japegoá, corajoso, mas prudente,
Evitava o conflicto; via o risco,
Media o seo poder e as posses delle
E o azar da luta e descançava em ocio.
Sua propria indolencia revelava
Animo grande e não vulgar coragem.
Se fosse lá nos paramos da Libia,
Deitado á sombra da arvore gigante
O leão da Numidia bem podéra

Trilhar por junto delle os movediços
Combros de areia, — amedrontando os ares
Com aquelle bramir agreste e rudo,
Que as feras sem terror ouvir não sabem.
O indio ouvira impavido o rugido,
Sem que o terror lhe distingisse as faces;
E ao rei dos animaes voltando o rosto,
Somente por que mais á geito o visse,
Viras ambos, sombrios, magestosos,
Contemplarem-se á espaço, destemidos;
D'extranhesa o leão os seos rugidos
Na gorja suffocar, e a nobre cauda,
Entre medos e assomos de hardimento
Mover de leve e irresoluto aos ventos!

Um — era a luz fugaz facil prendida
Nas plumas do algodão: luz que deslumbra
E que em breve amortece: outro — faisca,
Que surda, pouco e pouco vai lavrando
Não vista e não sentida té que surge
D'um jacto só, tornada incendio e fumo.

„Que viste, diz-lhe o emulo brioso,
Só coalheiras de sangue inficionado,
So tacápes e setas bipartidas,
E corpos ja corruptos?! Eia, ó fraco,
Embora em ocio ignavo aqui descances,
E nos misteres feminis te adextres!

Ninguem te chama á vida dos combates,
Não te almeja ninguem por companheiro,
Nem ha-de o sonho teo acobardar-nos.
É certo que haverá mortos sem conto,
Mas não serenos nós; — setas partidas,
As nossas, não; tacápes amolgados . . .
Mas os nossos verás mais bem talhantes,
Quando houverem partido imigos craneos.

„Heróe, não em façanhas, mas nos dictos,
Lidador que a vilesa d'alma encobres
Com frases descorteses, — ja te virão,
Pendentes braço e armas, contemplando
Os feitos meos, pesar que sou cobarde.
Essa infame tarefa que me incumbes,
É minha, sim; mas por diverso modo:
Não ministro cauím as vossas festas;
Mas na refrega o meo trabalho é vosso.
Da batalha no campo achaes defunctos,
Vossa gloria e brasão, corpos sem conto,
Cujas feridas largas e profundas,
De largas e profundas, denuncião
A mão que as sóe faser com tanto effeito.
Não tenho espaço, onde recolha os ossos,
Não tenho cinto, onde pendure os craneos,
Nem collar onde caibão tantos dentes,
De quantos venci já; por isso inteiros
Lá vol-os deixo, heróes; e vós lá ides,

Em que me não queiraes por companheiros,
Rivaes dos urubús, fortes guerreiros,
Facil triumpho conquistar mas trevas',
Aos vorazes tatús roubando a presa.“

Calou-se... e o vulgo rosna em torno d'ambos,
D'este ou d'aquelle heróe tomando as partes.
Pois que? ... ha-de ficar tamanha affronta
Impune, e não haveis levar das armas,
Por que o sangue a desbote e apague inteira?“

Disião, — e a taes ditos mais fermenta
A raiva em ambos; fasem-lhes terreiro,
Já verga o arco, já se entesa a corda,
Já batem pés no solo pulvurento:
Corrêra o sangue de um, talvez o de ambos,
Que sobre os dois a morte abrira as azas!

Silencio! brada o chefe dos Tymbiras,
Interposto severo em meio de ambos;
De um lado e outro a turba circunfusa
Emmudece, — divide-as largo espaço,
De cujo centro gyra os torvos olhos
O heróe, e só de olhar lhe estende as raias.
Assim de altivo pincaro descamba
Enorme rocha, obstruindo o leito
De um rio caudaloso: as fundas agoas,
Latindo emvão na rocha volumosa,

Separão-se, cavando novos leitos,
Em quanto o antigo se reseca e abrasa.

Silencio, disse; e em torno os olhos gyra,
Fulgidos, negros: orgulhosas frontes,
Que aos golpes do tacápe não se dobrão
Em torno sobre o peito vão cahindo
Uma após outra: altivo um só apenas
Rebelde arrosta o olhar! — rapido golpe,
Rapido e forte, como o raio, o prostra
Na arena em sangue! Mosqueado tigre,
Se cae no meio de preás medrosos,
Talvez no primo impulso algum afferra;
Mas vê que foge a turba espavorida,
Vulgacho imbelle! — ao misero que prende
E torce ainda nas compridas garras,
Longe, sem vida, desdenhoso o arroja.

Assim o heróe. Por longo tracto mudo,
Soberbo e grande alfim mostrando o rio,
Quedou sem mais diser; o rio ao longe
As aguas, como sempre, magestosas
Na gorja das montanhas derramava,
Caudal, immenso. „Traz d'aquelles montes,
Diz Itajuba, não sabeis quem seja?
Affronta e nome vil haja o guerreiro,
Que ousa lutas ferir, travar discordias,
Quando o imigo boré tão perto sôa."

Accorre o piaga em meio do conflicto,
„Prudencia, ó filho de Jaguar, exclama;
Nem mais sangue tymbira se derrame,
Que já não basta por pagar-nos deste,
Que derramaste, quanto houver nas veias
Dos perfidos Gamellas. O que ouviste,
Que o forte Japegoá diz ter sonhado,
Assella o que Tupan me está disendo
Cá dentro em mim nos decifrados sonhos,
Depois que os funestou propinquo sangue.“

„Devoto Piaga (Mojacá prosegue)
Que vida austera e penitente vives
Dos rochedos na lapa venerada,
Tu, dos genios do Ybáke bem fadado,
Tu face a face com Tupan pratícas
E vês nos sonhos meos melhor qu'eu mesmo.
Escuta, e dise, ó venerando piaga,
(Benevolo Tupan teos ditos oiça)
Angoéra máo turbou-te a phantasia,
Afflicto Mojacá, teo sonho mente.“

Palavras taes no indio circumspecto,
Cujos labios emvão nunca se abrirão;
Guerreiro, cujos sonhos nunca forão,
Nem mesmo em risco estreito, pavorosos;
No vulgo frio horror vão trescalando,
Que entre a crença do piaga, é a deferencia
Devida a tanto heróe fluctua incerta.

„Eu vi; diz elle, vi em taba imiga
Guerreiro, como vós, comado e hirsuto!
A corda extreita do cruento rito
Os rins lhe aperta: a dura tangapema
Sobre-está-lhe fatal; — cantos se entôão
E a turba dansatriz em torno gyra.
Sonho não foi, que o vi, como vos vejo;
Mas não vos direi já quem fosse o triste!
Se visseis, como eu vi, a fronte altiva,
O olhar soberbo, — aquella força grande,
Aquelle riso desdenhoso e fundo . . .
Talvez um só, nemhum talvez se encontre,
Que seja para estar no passo horrendo
Tão seguro de si, tão descançado!“

Acaso um tronco volumoso e tosco
De escamas fortes entre si travadas
Alli perto jazia. Ogib, o velho,
Pae do errante Jatyr alli sentou-se,
Alli triste pensava, até que o sonho
Do afflicto Mojacá veio acordal-o.
„Tupan! que mal te fiz, que assim me colha
Do teo furor a seta envenenada?
Com voz chorosa e tremula clamava.
Escuto os gabos que só cabem nelle,
Vejo e conheço o costumado ornato
Do filho meo querido! isto que fôra,
A quem tão infeliz como eu não fosse,

Ventura grande, me constringe o peito!
Conheço o filho meo no que diceste,
Guerreiro, como a flôr pelo perfume,
Como o esposo conhece a grata esposa
Pelas usadas plumas da arassoya,
Que entre as folhas do bósque a espaços brilha.
Ai! nunca brilhe a flôr, se hão-de roel-a
Insectos; nunca vague a linda esposa
No bosque, se hão-de as feras devoral-a!"

A dor que mostra o velho em todo o aspecto,
Nas vozes por soluços atalhadas,
Nas lagrimas que chora, os move a todos
A triste compaixão; mas mais áquelle,
Que, antes do pobre pae, já todo angustias,
Da propria narração se enternecia.
As querellas de Ogib vólta o rosto
O fatal sonhador, — que, seo máo grado,
As setas da afflicção tendo cravado
Nas entranhas de um pae, quer logo o suco,
Fresco e saudavel, do louvor, na chaga
Verter-lhe, donde o sangue em jorros salta.

„Tal era, tão impavido (prosegue,
Fitando o velho Ogib) o seo desplante
Qual foi o de Jatyr n'aquelle dia,
Quando, novél nas artes do guerreiro,
Circundado se vio á nossa vista

D'imiga multidão: todos o vimos;
Todos da clara estirpe deslembrados,
Clamamos tristes, pavidos: „É morto!"
Elle porém que o arco usar não pode,
O valido tacápe desprendendo,
Sacode-o, vibra-o: fere, prostra e mata
A este, áquelle; e em volumosos feixes
Accerva a turba vil, lucrando um nome.
Tapyr, caudilho seo, que não supporta
Que um homem só e quasi inerme, o cubra
De tamanho labéo, altivo brada:
„Cede-me estulto, cede ao meo tacápe,
Que nunca ameaçou ninguem debalde."
E assim disendo vibra crebros golpes,
Cõ a bruta folha retalhando os ares!
Um coiro de tapyr, em vez de escudo,
Rijo e piloso lhe guardava os membros.
Jatyr, do arco seo curvando as pontas,
Sacode a seta fina e sibilante,
Que vara o couro e o corpo e surge fóra.
Tomba de chofre o indio, e o som da queda
Remata o som que a voz não rematára.
Vista a pell' do tapyr, que o resguardava,
Japy, mesmo Japy lhe inveja o tiro."

Todo o campo se afflige, todos clamão
„Jatyr, Jatyr! o forte entre os mais fortes."
Ordem não ha; mulheres e meninos

Baralhão-se em tropel: o planto, os gritos
Confundem se: do velho Ogib emtanto
Mal se percebe a voz „Jatyr“ gritando.

Itajuba por fim silencio impondo
Á turba mulheril, e á dos guerreiros
Mesta batalha: „Consultemos, disse,
Consultemos o piaga: as vezes pode
O sancto velho, serenenando o ybáke,
Amigo bom tornar o Deos malquisto.“

Mas ora não! — responde o piaga iroso.
Só quando ruge a negra tempestade,
Só quando a furia d'Anhangá fuzila
Raios do escuro céo na terra afflicta
Do piaga vos lembraes? Tarda lembrança,
Tarda e fatal, guerreiros! Quantas vezes
Não fui, eu mesmo, nos terreiros vossos
Fincar o sancto maracá? Debalde,
Debalde o fui, que á noite o achava sempre
Sem offertas, que aos Deoses tanto prasem!
Nu e despido o vi, como ora o vedes,
(E assim disendo mostra o sacrosanto
Mysterio, que de irado pareceo-lhes
Soltar mais rouco som no seo rugido)
Quem de vós se lembrou que o sancto Piaga
Na lapa dos rochedos se myrrhava
Á pura mingoa? Só Tupan, que ao velho,

Deo não sentir os dentes aguçados
Da fome, que por dentro o remordia,
E mais cruel, passada entre os seos filhos!"

Cegou-nos Anhangá, diz Itajuba,
Fincado o maracá nos meos terreiros,
Cegou-nos certo! — nunca o vi sem honras!
Que se o vira, bom piaga ... oh! não se diga
Que um homem só, dos meos, perece á mingoa,
(Quem quer que seja, quanto mais um Piaga)
Quando campeão tantos homens d'arco
Nas tabas de Itajuba, — tantas donas
Na cultura dos campos adextradas.
Hoje mesmo farei que ao antro escuro
Caminhem tantos dons, tantas offertas,
Que o teo sancto mysterio ha-de por força,
Quer o queiras, quer não, dormir sobre ellas!"

„Talvez a rica offrenda applaca os Deoses,
E saudavel conselho a noite inspira!"
Disse e sem mais diser se acolhe á gruta.

Á caça, ó meos guerreiros, brada o chefe:
Ledas donzellas ao cauím se appliquem,
Os meminos á pesca, á roça as donas,
Eia" — Ferve o labor, reina o tumulto,
Que quasi tanto val como a alegria,
Ou antes, só praser que o povo gosta.

Já deslembrados do que ausente chorão
(Favor das turbas que tão leve passas!)
Ledos no peito, ledos na apparencia
Todos se incumbem da tarefa usada.

Trabalho no praser, praser que moras
Dentro de tanto affan! festa que nasces
Sob auspicios tão máos, possa algum genio,
Possa Tupan sorrir-te carinhoso,
E das alturas condoer-se amigo
Do triste, orfão de amor, e pae sem filho!

CANTO QUARTO.

Bem vindo seja o fausto mensageiro,
O melifluo Tymbira, cujos labios
Distillão sons mais doces do que os favos,
Que errado caçador na brenha inculta
Por ventura topou! Hospede amigo,
Ledo nuncio de paz, que o territorio
Pisou de imigas hostes, quando a aurora
Despontava nos céos — bem vindo seja!
Não luz mais brando e grato o romper d'alva
Que o teo sereno aspecto; nem mais doce
A fresca brisa da manhã cicia
Pela selvosa encosta, que a mensagem
Que o chefe imigo e fero anceia ouvir-te.
Melifluo Jurucey, bem vindo sejas
Dos Gamellas ao chefe, Gurupema,
Senhor dos arcos, quebrador das setas,
Das selvas rei, filho de Icrá valente.

Assim comsigo as hostes do Gamella:
Comsigo só, que a usada gravidade

Já na garganta, a voz lhes retardava.
Não veio Jurucey? Posto de fronte,
Arco e frecha na mão feito pedaços,
Certo signal do respeitoso encargo,
Por terra não lançou? — Que pois augura
Tal vinda, a não ser que o audaz Tymbira
Melhor conselho toma; e por ventura,
De Gurupema receiando as forças,
Amiga paz lhe off'rece, e em signal della
Do vencido Gamella o corpo entrega?!
Em bem! que a torva sombra vagarosa
Do outrora chefe seo ha-de applacar-se,
Ouvindo a mesta voz das carpideiras,
E vendo no sarcophago depostas
As armas, que no ybáke hão-de servir-lhe,
E junto ao corpo, que foi seo, as plúmas
Em quanto vivo, insignias do mando.
Embora ostente o chefe dos Tymbiras
O ganhado tropheo; embora á cinta
Ufano prenda o gadelhudo craneo,
Aberto em crôa, do infeliz Gamella.
Embora; mas porêm amigas quedem
Do Tymbira e Gamella as grandes tabas;
E largo em roda na floresta imperem,
Que o mundo em peso, unidas, affrontarão!

Nascia a aurora: do Gamella as hostes
Em pé, na praia, o mensageiro aguardão

Sisudos, graves. Hum caudal regato,
Cujo branco areial a prata imita,
Sereno alli volvia as mansas aguas,
Como que triste de as levar ao rio,
Que ao mar conduz a rapida torrente
Por entre a selva umbrosa e broncas penhas.
Esta a praia! — em redor troncos gigantes,
Que a folhagem no rio debruçavão,
Onde beber frescor os galhos vinhão,
Luxuriando em viço! — penduradas
Trepadeiras gentiz da coma excelsa,
Estrellando do bosque o verde manto
Aqui, alli, de flores scintillantes,
Meneiavão-se ao vento, como fitas,
De que se ennastra a coma a virgem bella.
Era um prado, uma varzea, um taboleiro
Com mimoso tapiz de varias flores,
Agrestes, sim, nas bellas. Genio amigo
Chegou-lhe só a magica vergasta!
Eil-as a prumo ao longo da corrente
Com requebros louçãos a ennamoral-a!

A nós de embira aos troncos amarradas
Quasi ygaras sem conto figuravão
Ousada ponte no correr das aguas
Por força mais qu'humana trabalhada.

Vê-as e pasma Jurucey, notando
O imigo poderio, e seo máo grado

Vae la comsigo mesmo discorrendo:
,,Muitos e fortes são nossos guerreiros;
Muitos, certo, e as nossas tabas fortes,
Itajuba invencivel; mas da guerra
É sempre incerto o azar e sempre vario!
E... quem sabe? talvez... mas nunca, oh! nunca!
Itajuba! Itajuba! — onde ha no mundo
Posses que valhão contrastar seo nome?
Onde a seta que valha derribal-o,
E a tribu ou povo que os Tymbiras venção?!"

Entre as hostes que a si tinha fronteiras
Penetra! — tão galhardo era o seo gesto,
Tão sereno e guerreiro o seo desplante,
Que os Gamellas em si tão bem disserão:
— Missão de paz o traga, que se os outros
São tão feros assim, Tupan nos valha,
Sim, Tupan; que o não póde o rei das selvas!"

Hospedagem sincera emtanto off'recem
A quem talvez não tardará buscal-os
Com fina seta no leal combate.
Ás ygaras o levão pressurosos,
Servem-lhe o piraken na guerra usado,
E os loiros dons do colmeal agreste;
Servem-lhe amigos succulento pasto
Em banquete frugal; servem-lhe taças
(A ver se mais que a fome o instiga a sede)

De espumoso cauím, — taças pesadas
Na funda noz da sapucaya abertas.
Sem temor o tymbira vae provando
O mel, o piraken, as iguarias;
Mas dos vinhos cobibe-se prudente.

Em remoto logar forma conselho
O rei das selvas, Gurupema, em quanto
Restaura o mensageiro os lassos membros.
Chama primeiro Caba-oçu valente;
As rispidas melenas corridias
Cortão-lhe o rosto, — pendem-lhe nas costas,
Hirtas e lisas, como o junco em feixes
Acamados no leito resequido
D'invernosa corrente. O rosto feio
Aqui, alli, negreja manchas negras
Como da bananeira a larga folha,
Colhida ao romper d'alva, q'uma virgem
Nas mãos lascivas machucou brincando.

Valente é Caba-oçu; mas sem piedade!
Como sedenta fera almeja sangue
E de malvada acção cruel se paga.
Apresou em combate um seo contrario,
Que mais imigo tinha entre os imigos:
Da guerra os duros vinculos lançou-lhe
E á terreiro o chamou, como é de usança
Para o triunfo bellico adornado.

Fiserão-lhe terreiro os mais d'emtorno:
Elle do sacrificio empunha a maça,
Improperios assaca, vibra o golpe,
E antes que tombe o corpo, afferra os dentes
No craneo fulminado: jorra o sangue
No rosto, e em gorgulhões se expande o cerebro,
Que a fera humana rabida mastiga!
E em quanto limpa á desgrenhada coma
Do sevo pasto o esqualido sobejo,
Barbaras hostes do Gamella torcem,
Á tanto horror, o transtornado rosto.

Vem Jepiaba, o forte entre os mais fortes,
Tayatu, Tayatinga, Nupançaba,
Tucura o agil, Cravatá sombrio,
Andyra, o sonhador de agouros tristes,
Que elle é primeiro a desmentir co' as armas,
Piréra que jamais não foi vencido,
Itapeba, rival de Gurupema,
Okena, que por si vale mil arcos,
Escudo e defensão dos seos que ampara;
E outros, e muitos outros, cuja morte
Não foi sem gloria no cantar dos bardos.

Guerreiros! Gurupema assim começa,
Antes de ouvir o mensageiro estranho
Consultar-vos me é força; a nós incumbe
Vingar do rei da selva a morte indigna.

Do que morreo, em que lhe seja eu filho,
Estende-se o dezar sobre nós todos,
E a todos nós da gloriosa herança
Compete o desaggravo. Se nos busca
O filho de Jaguar, é que nos teme;
A nossa furia por ventura intenta
Voltar a mais amigo sentimento.
Talvez do vosso chefe o corpo e as armas
Com larga pompa nos envia agora:
Basta-vos isto?

Guerra! guerra! exclamão.

Notae porém quanto é pujante o chefe,
Que os Tymbiras dirige. Sempre o segue
Facil victoria, e mesmo antes da luta
As galas triunfaes dispõe seguro.

„Embora, disem uns: outros murmurão,
Que de tão grande heróe qual quer que seja
A offerta expiatoria, em bem, se aceite.
Outros porém, e a maior parte, incertos
Vacillão no conselho. A injuria e grande,
Bem fundo a sentem, mas bem grande é o risco.

„Se o orgulho desce a ponto no Tymbira,
Que pases nos propõe, diz Itapeba
Com dura voz e cavernoso accento,
Já está vencido! — Alguem pensa o contrario

(E com despeito a Gurupema encara)
Alguem, não eu! Se havemos de barato
Dar-lhe a victoria, humildes aceitando
O triste cambio (a ideia só me irrita)
De um morto por um arco tão valente,
Aqui as armas vis faço pedaços
Em breve tracto, e vou-me a ter com esse,
Que sabe leis dictar, mesmo vencido!"

Como tormenta, que rouqueja ao longe
E som confuso espalha em surdos echos;
Como rapida frecha corta os ares,
Já perto sôa, já mais perto brame,
Já sobrançeira emfim roncando estala:
Nasce fraco rumor que logo cresce,
Avulta, ruge, horrisono rimbomba,
Okena! Okena! o heróe nunca vencido,
Com voz troante e procellosa exclama,
Dominando o rumor, que longe echôa.

„Fujão timidas aves aos lampejos
Do raio abrasador, — medrosas fujão!
Mas não será que o heróe se acanhe ao vel-os!
Itapeba, só nós somos guerreiros;
Só nós, que a olhos nús fitando o raio,
Da gloria a senda estreita á par trilhamos.
Tens em mim quanto sou e quanto valho,
Armas e braço emfim!"

Eis rompe a densa
Turba que d'emtorno d' Itapeba
Formidavel barreira alevantava.

Quadro pasmoso! os dois de mãos travadas,
Sereno a aspecto, placido o semblante,
Á furia popular se apresentavão
De constancia e valor somente armados.
Erão escólhos gemeos, empinados,
Que a furia de um vulcão ergueo nos mares.
Eterno alli serão co'os pés no abysmo,
Cõ os negros cimos devassando as nuvens,
Se outra força maior os não affunda.
Ruge embalde o tufão, embalde as vagas
Do fundo pégo á flôr do mar borbulhão!

Estranha a turba, e pasma o desusado
Arrojo, que jamais assim não virão!
Mas mais que todos Caba-oçu valente
Enleva-se da acção que o maravilha;
E de nobre furor tomado e cheio,
Clama altivo. „Eu tambem serei comvosco,
Eu tambem, que a só mercê vos peço
De haver ás mãos o perfido Tymbira.
Seja, o que mais lhe apraz, invulneravel,
Que d'armas não careço por vencel-o.
Aqui o tenho, — aqui commigo o apérto,
Estreitamente o apérto nestes braços

(E os braços mostra e os peitos musculosos)
Ha-de medir a terra já vencido,
E orgulho e vida perderá co' o sangue,
Arrã soprada, que um menino espoca!"

E bate o chão, e o pé na areia enterra,
Orgulhoso e robusto: o vulgo applaude,
De prazer e rancor soltando gritos
Tão altos, taes, como se alli tivera
Aos pés, rendido e morto o heróe Tymbira.

Por entre os alvos dentes que branquejão,
Ri-se o praser nos labios do Gamella.
Ao rosto a côr lhe sobe, aos olhos chega
Fugaz clarão da raiva que aos Tymbíras
Votou de ha muito, e mais que tudo ao chefe,
Que o espolio paternal mostra vaidoso.

Com gesto senhoril silencio impondo
Alegre aos tres a mão callosa off'rece,
Rompendo nestas vozes: „Desde quando
Cabe ao soldado pleitear combates
E ao chefe em ocio vil viver seguro.
Guerreiros sois, que os actos bem n'o provão;
Mas se vos não apraz ter-me por chefe,
Guerreiro tãobem sou, e onde se ajuntão
Guerreiros, hão-de haver logar os bravos!
Serei comvosco, — disse. E aos tres se passa.

Sôão batidos arcos, rompem gritos
Do festivo praser, sobe de ponto
O ruidoso applaudir. Só Itapeba,
Que ao seo rival deo azo de triunfo,
Mal satisfeito e quasi irado rosna.

Um Tapuya, guerreiro adventicio,
Filhado acaso á tribu dos Gamellas,
Pede attenção, — prestão-lhe ouvidos todos.
Estranho é certo; porém longa vida
A velhice robusta lhe autorisa.
Muito ha visto, soffreo muitos revezes,
Longas terras correo, aprendeo muito;
Mas quem é, donde vem, qual é seo nome?
Ninguem o sabe: elle o não disse nunca.
Que vida teve, a que nação pertence,
Que azar o trouxe á tribu dos Gamellas?
Ignora-se tambem. Nem mesmo o chefe
Perguntar-lh'o se atreve. É forte, é sabio,
É velho e experiente, o mais que importa?
Chamem-lhe o forasteiro, é quanto basta.
Se á caça os aconselha, a caça abunda;
Se á pesca, os rios cobrem-se de peixes;
Se á guerra, ai da nação que elle indigita!
Valem seos ditos mais que valem sonhos,
E acerta mais que os piagas nos conselhos.

„Mancebo (assim diz elle a Gurupema)
Já vi o que por vós não será visto,

Immensas tabas, barbaros imigos,
Como nunca os vereis; andei já tanto,
Que o não fareis, andando a vida inteira!
Estranhos casos vi, chefes pujantes!
Tabyra, o rei dos bravos Tobajaras,
Alkindar, que talvez já não exista,
Ipperú, Jeppipó de Mambucaba,
E Konian, rei dos festins guerreiros;
E outros, e outros mais. Pois eu vos digo,
Acção, que eu saiba, de tão grandes Cabos,
Como a vossa não foi, — nem tal façanha
Fiserão nunca, e sei que forão grandes!
Itapeba entre os seos não encontráras,
Que não pagasse com seo sangue o arrojo
De tanto as claras por-se-lhes contrario.
Mas quem do humano sangue derramado
Por ventura se peja? — em que logares
A gloria da peleja horror infunde?
Ninguem, nemhures, ou somente aonde,
Ou só áquelle que ja vio tingidas
Crùas vagas de sangue; e os turvos rios
Mortos por tributo ao mar volvendo.
Vi-as eu, inda novo; mas tal vista
Do humano sangue saciou-me a sede.
Ouví-me, Gurupema, ouví-me todos:
Da sua tentativa o rei das selvas
Teve por premio o lacrimoso evento:
E era chefe brioso e bom soldado!

Só não pôde soffrer que alguem dicesse
Haver outro maior tão perto delle!
A vaidade o cegou! hardida empresa
Commetteo, mas por si: de fóra, e longe
Os seos o virão deslindar seo pleito.
Vencido foi . . . a vossa lei de guerra,
Barbara, sim, mas lei, — dava ao Tymbira
Usar, como elle usou, do seo triumfo.
A que pois fabricar novos combates?
Por que emprehendel-os nós, quando mais justos
Os Tymbiras talvez mover podérão?
Que vos importa a vós vencer batalhas?
Tendes rios piscosos, fundas matas,
Innumeros guerreiros, tabas fortes;
Que mais vos é mister? Tupan é grande:
De um lado o mar se estende sem limites,
Pingues florestas d'outro lado correm
Sem limites tambem. Quantas ygaras,
Quantos arcos houvermos, nas florestas,
No mar, nos rios caberão ás largas:
Por que então batalhar? por que insensatos,
Buscando o inutil, necessario aos outros,
Sangue e vida arriscar em nescias lutas?
Se o filho de Jaguar traser-nos manda
Do chefe desditoso o frio corpo,
Aceite-se . . . se não . . . voltemos sempre,
Ou com elle, ou sem elle, ás nossas tabas,
Ás nossas tabas mudas, lacrimosas,

Que hão de certo enlutar nossos guerreiros,
Quer vencedores voltem, quer vencidos."

Do forasteiro, que tão solto falla
E tão livre argumenta, Gurupema
Peza a prudente voz, e alfim responde:
„Tupan decidirá" — Oh! não decide,
(Como comsigo diz o forasteiro)
Não decide Tupan humanos casos,
Quando imprudente e cego o homem corre
D'encontro ao fado seo: não valem sonhos,
Nem da prudencia meditado aviso
Do atalho infausto a desviar-lhe os passos!"

O chefe dos Gamellas não responde;
Vae pensativo demandando a praia,
Onde o Tymbira mensageiro o aguarda.

Reina o silencio, sentão-se na arena,
Jurucey, Gurupema e os mais com elles.
Amiga recepção, — alli não viras
Nem pompa oriental, nem galas ricas,
Nem armados salões, nem côrte egregia,
Nem regios paços, nem caçoilas fundas,
Onde a cheirosa goma se derrete.
Era tudo singelo, simples tudo,
Na carencia do ornato — o grande, o bello,
Na propria singelesa a magestade.

Era a terra o palacio, as nuvens tecto,
Columnatas os troncos gigantescos,
Balcões os montes, pavimento a relva,
Candelabros a lua, o sol e os astros.

Lá estão na branca areia descançados.
Como festiva taça n'um banquete,
O caximbo de paz, correndo em roda,
De fumo adelgaçado cobre os ares.
Almejão, sim, ouvir o mensageiro,
E mudos são comtudo: não dissera,
Quem quer que os visse alli tão descuidosos,
Que ardor inquieto e fundo os anciava.

O forte Gurupema alfim começa
Após congruo silencio, em voz pausada:
Saude ao nuncio do Tymbira! disse.
Tornou-lhe Jurucey: „Paz aos Gamellas,
Renome e gloria ao chefe seo preclaro!
— A que vens pois! Nos te escutamos: falla.
„Todos vós, que me ouvis, vistes boiantes,
A mercê da corrente, o arco e as setas
Feitas pedaços, por mim mesmo inuteis."

„E de t'o ver folguei; mas quero eu mesmo
Ouvir dos labios teos quanto imagino.
Acata-me Itajuba, e de medroso
Tenta poupar aos seos tristesa e luto?

A flôr das Tabas suas talvez manda
Traser-me o corpo e as armas do Gamella,
Vencido, em mal, no desleal combate!
Pois seja, que talvez não queira eu sangue;
E do justo furor quebrando as setas . . .
Mas dise-o tu primeiro . . . Nada temas;
É sagrado entre nós guerreiro inerme,
E mais sagrado o mensageiro estranho.“

Treme de pasmo e colera o Tymbira,
Ao ouvir tal discurso. — Mais sorprezo
Não fica o pescador, que mariscando
Vae na maré vasante, quando avista
Envolto em lodo um tubarão na praia,
Que reputa sem vida; passa rente,
E co' as malhas da rede acaso o açoita
E a desleixo: — feroz o monstro acorda,
E escancarando as fauces mostra nellas
Em sete filas alinhada a morte!
Tal ficou Jurucey, — não de receio,
Mas de sorpreza attonito; — o contrario,
Que de o ver merencorio não se agasta,
A que proponha o seo encargo o anima.

„Não ignavo temor a voz me embarga;
Emmudeço de ver quão mal conheces
Do filho de Jaguar os altos brios!
Esta a mensagem que por mim vos manda:

Tres grandes tabas, onde heróes pullulão,
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
Cahidas a seos pés a voz lhe escutão.
Não quer dos vossos derramar mais sangue:
Tigre cevado em carnes palpitantes,
Regeita a facil preza; nem o tenta
De perjuros haver tropheos sem gloria.
Em quanto pois a maça não sopeza
Em quanto no carcaz dormem-lhe as setas
Immoveis — attendei! — cortae no bosque
Troncos robustos e frondosas palmas
E novas tabas construi no campo,
Onde o corpo cahio do rei das selvas,
Onde empastado inda enrubece a terra
Sangue d'aquelle heróe que vos infama!
Aquella briga emfim de dois, tamanhos
Signalae; por que estranho caminheiro
Amigas vendo e juntas nossas tabas,
E a fé que usais guardar, sabendo, exclamem:
Vejo um povo de heróes, e um grande chefe!"

Em quanto escuta o mensageiro estranho,
Gurupema, talvez sem que o sentisse,
Vae pouco e pouco erguendo o corpo inteiro.
A baça cor do rosto é sempre a mesma,
O mesmo o aspecto, — a valida postura
A quem de longe o vé, somente indica
Vigor descommunal, e a gravidade

Que os proprios Indios por incrivel notão.
Era uma estatua, excepto só nos olhos,
Que por entre as emvão cahidas palpebras
Clarão funereo derramava emtorno.

„Quero ver que valor mostras nas armas,
(Diz ao Tymbira, que a resposta aguarda)
Tu que arrogante, em frases descorteses,
Guerra declaras, quando paz off'reces.
Quebraste o arco teo quando chegaste,
O meo te off'reço! O quebrador dos arcos
Nos dons por certo liberal se mostra,
Quando o seo arco off'rece: julga e pasma!"

E o arco empunha! outro não foi como elle!
Artifice de nome em seos lavores
Mais de um anno gastára em fabrical-o.
As pontas levemente recurvadas
Cabeças de bicephala serpente
Figuravão, — iguaes no peso e forma:
Melhor que nemhum outro equilibrado,
Lavrados os desenhos com tal arte,
Que sem tirar-lhe a força, mais flexivel,
Mais pesado o tornavão com mais graça.

Do pejado carcaz tira uma seta,
Na corda a ageita, — o arco enteza e curva,
Atira, — sôa a corda, a frecha vôa

Com silvos de serpente. Sobre a copa
D'uma arvore frondosa descançava
Ha pouco um cenemby, — frechado agora
Despenha-se no rio, sopra iroso,
A cortante serrilha embora erriça,
Co'a dura cauda embora açoita as aguas;
A corrente o conduz, e em breve tracto
O hastil da frecha sobre-nada á prumo.

Podera Jurucey, alçando o braço,
Poupar acção tão baixa áquelles bosques,
Onde os guerreiros de Itajuba imperão.
Immovel, mudo contemplou no rio
De chofre o cenemby cahir frechado,
Lutar co'a morte, ensanguentando as aguas,
Desparecer, — a voz por fim levanta.

„Ó rei das selvas, Gurupema, escuta:
Tu, que medroso em face d'Itajuba
Não ousáras tocar o pó que o vento
Nas folhas dos seos bosques deposita;
Senhor das selvas, que de longe o insultas,
Por que me vês aqui sosinho e fraco,
Fraco e sem armas, onde armado imperas;
Senhor das selvas (que antes frecha accesa
Sobre os tectos houvesses arrojado,
Onde as mulheres tens e os filhos caros)
Nunca miraste um alvo mais funesto

Nem tiro mais fatal vibraste nunca,
Com lagrimas de sangue has de choral-o,
Maldisendo o logar, o ensejo, o dia,
O braço, o força, o animo, o conselho
Do delicto infeliz que vae perder-te!
Eu, sosinho entre os teos que me rodeião,
Sem armas, entre as armas que descubro,
Sem medo, entre os medrosos que me cercão,
Em tanta solidão seguro e ousado,
Rosto a rosto comtigo, e no teo campo,
Digo-te, ó Gurupema, ó rei das selvas,
Que és vil, qu'es fraco!

Sibilante frecha
Rompe da turba-multa e crava o braço
Do ousado Jurucey, qu'inda fallava.

„É seguro entre vós guerreiro inerme,
E mais seguro o mensageiro éstranho!
Disse com riso mofador nos labios.
Aceito o arco, ó chefe, e a treda frecha,
Que vos heide tornar, ultriz da offensa
Infame, que Aymorés nunca sonhárão!
Ide, correi, quem vos impede a marcha?
Vingae esta corrente, não mui longe
Os Tymbiras estão! — Voltae da empresa
Com este feito heroico rematado;
Fugi, se vos apraz; fugi, cobardes!

Vida por gota pagarèis meo sangue;
Por onde quer que fordes de fugida
Vae o fero Itajuba perseguir-vos
Por agua ou terra, ou campos, ou florestas;
Tremei! . . .

E como o raio em noite escura
Cegou, despareceo! De timorato
Procura Gurupema o autor do crime,
E autor lhe não descobre; inquire . . . embalde!
Ninguem foi, ninguem sabe, e todos virão.